PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
Programa de Pós-Graduação em Administração e Programa de Pós-Graduação em Economia FEA/PUC-SP

SUSTENTABILIDADE

DESAFIO 7

DISPARIDADE ENTRE RICOS E POBRES

Disciplina Sustentabilidade 2s 2019
Turma: ADM-NA91
Prof. Dr. Arnoldo José de Hoyos Guevara

Amanda Botelho Pena
Catarina Fonseca Poyares Jardim
Giovana Bonato Andrela

São Paulo – SP
2019

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 4
CAPÍTULO I A DESIGUALDADE NO MUNDO 6
1.0 - A História da Desigualdade e a Origem do GINI 6
1.1 - As Pirâmides da Riqueza e Mapas da Desigualdade 10
1.2 - Os Impactos e Combate as Desigualdades 14
CAPÍTULO II. O CONTEXTO DA DESIGUALDADE 18
2.0 - Estudos sobre a Pobreza no Mundo 18
2.1 - O Combate a Pobreza no Brasil 19
2.2 - A Desigualdade atual no Brasil 26
CAPÍTULO III. AS NOVAS TECNOLOGIAS COMO SOLUÇÃO 28
3.0 - As Novas Tecnologias 28
3.1 - Tecnologia Social 29
3.2 - A Educação como Solução 32
CONCLUSÃO 34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 35

INTRODUÇÃO

A desigualdade social é considerada um fenômeno social, assim como a violência, o preconceito, as relações comunitárias. Fenômenos sociais são quaisquer fenômenos que ocorram em nossa sociedade e são analisados a partir da existência coletiva. São objeto de estudo da Psicologia Social, que examina sua dimensão objetiva (BOCK, 2008).

O conceito de desigualdade social compreende diversos tipos de desigualdades, desde desigualdade de oportunidade, resultado, até desigualdade de escolaridade, de renda, de gênero, etc. (CAMARGO, 2011). A desigualdade econômica é a mais conhecida - e chamada muitas vezes erroneamente de desigualdade social - caracterizada pela distribuição desigual de renda.

Inúmeras são as causas que aumentam a distância entre ricos e pobres. As mais comuns estão:

- Má distribuição de renda
- Má administração dos recursos
- Lógica de acumulação do mercado capitalista (consumo, mais-valia)
- Falta de investimento nas áreas sociais, culturais, saúde e educação
- Falta de oportunidades de trabalho
- Corrupção

Se um país não consegue atender as necessidades básicas de grande parte de seus cidadãos, tampouco irá prosperar de forma equitativa.

Umas das consequências mais graves são a pobreza, a miséria e a favelização. Ademais, a desigualdade social traz:

- Fome, desnutrição e mortalidade infantil,
- Aumento das taxas de desemprego
- Grandes diferenças entre as classes sociais
- Marginalização de parte da sociedade
- Atraso no progresso da economia do país
- Aumento dos índices de violência e criminalidade

Vista aérea da cidade de Belo Horizonte onde os contrastes entre os bairros são evidentes

Mesmo que o país nos últimos anos tenha apresentado uma diminuição da pobreza, o nível de desigualdade social no Brasil ainda é notório.

Seja pelo seu passado escravocrata, seja pela falta de investimentos na infraestrutura, o Brasil ainda apresenta níveis muito grandes entre os mais ricos e os mais pobres.

A desigualdade social existe em todos os continentes. Há lugares em que os problemas são mais evidentes, por exemplo, nos países africanos, os quais estão entre os mais desiguais do mundo.

Por sua parte, nos países escandinavos, quase não há diferença entre as classes sociais devido ao estabelecimento do Estado de Bem-Estar Social após a Segunda Guerra Mundial.

Sem condições de ter acesso saúde e educação, dificilmente uma pessoa terá as melhores oportunidades no mercado de trabalho. Também a dificuldade de acesso aos bens culturais e históricos pela maior parte da população inibe suas oportunidades.

Não há consenso sobre qual o sistema econômico que gera mais desigualdade social. Por um lado, alguns estudos afirmam que a desigualdade social surgiu com o capitalismo, pois este se baseia na ideia de acumulação de capital e de propriedade privada.

O capitalismo também incita o princípio da competição e classifica o nível das pessoas baseados no capital e no consumo.

Por sua vez, o socialismo tem como objetivo abolir a propriedade privada, que pertenceria ao Estado e assim erradicar as classes sociais. No entanto, até agora, todas as experiências socialistas, fracassaram, pois acabou surgir uma classe dirigente que detinha mais privilégios que os demais.

Neste trabalho mostraremos um pouco da tecnologia como solução da desigualdade. A tecnologia possui um poder decisivo na questão da inclusão social, seja através da difusão de informação ou através da criação de ferramentas que possibilitam a integração de diferentes maneiras. A tecnologia caminha em um cenário muito amplo, se conectando a tudo do mundo, então seu público, ou campo de atuação, é muito grande. O ponto da criação de tecnologias direcionadas para pessoas que possuem algum tipo de deficiência evidencia isso

CAPÍTULO I A DESIGUALDADE NO MUNDO

1.0 - A História da Desigualdade e a Origem do GINI

A República Romana já era enorme quando um de seus escravos, o gladiador Espártaco, no ano 73 antes da era comum, liderou uma revolta capaz de fazer frente às bem organizadas legiões e pôs Roma a tremer, pois cerca de um terço da população da região da Itália era composta por escravos com desejo de mudança. O levante virou um símbolo épico da luta contra a desigualdade, além de render um filme dirigido por Stanley Kubrick.

Porém Marcus Licinius Crassus, um dos mais importantes generais e políticos de sua época, mobilizou um exército gigantesco que pudesse pôr fim à resistência escrava. Dois anos depois, vitorioso, Crassus crucificaria 6 mil rebeldes, deixando claro que novas revoltas não seriam toleradas.

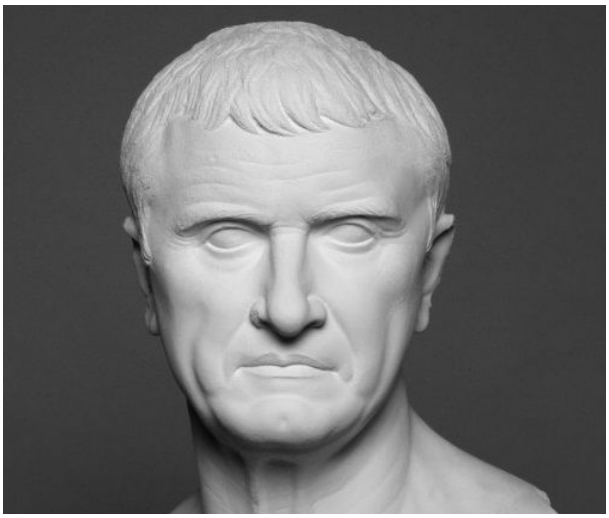


Figura 1. Marcus Licinius Crassus

Com o enriquecimento da República, que conquistava mais e mais territórios, a desigualdade econômica em Roma aumentou. Recursos privados foram usados para controlar a política. Crassus garantiu sua posição de poder derrotando Espártaco – e para isso usou mercenários pagos de seu próprio bolso para quase quadruplicar o tamanho das tropas que recebeu de Roma. Seu poder cresceu e, com ele, sua riqueza. Marcus Licinius Crassus tornou-se o homem mais rico de sua época, símbolo da plutocracia romana.

Estima-se que a riqueza de Crassus lhe rendesse 12 milhões de sestércios por ano, algo como 1 bilhão de dólares. Um romano médio precisaria trabalhar 32 mil anos para juntar o equivalente à renda anual do plutocrata. A quantia é comparável, no entanto, à fortuna dos bilionários de hoje. Nos Estados Unidos há pelo menos quatro pessoas mais ricas do que o

romano havia sido, em sua época. Bill Gates, cuja fortuna de 50 bilhões de dólares rende pelo menos 2,5 bilhões de dólares anuais, dispõe de mais do que o dobro da renda anual do general Crassus.

A comparação é de Branko Milanovic, economista sérvio especializado em desigualdade que desde o início dos anos 90 vive nos Estados Unidos, e hoje dá aulas na Cuny, a Universidade da Cidade de Nova York. Mais do que uma curiosidade, as comparações históricas de Milanovic servem para colocar em perspectiva uma época, à nossa, de enormes disparidades econômicas, provavelmente as maiores de toda a história conhecida. Saber as causas e as consequências dessa desigualdade tão grande é essencial.

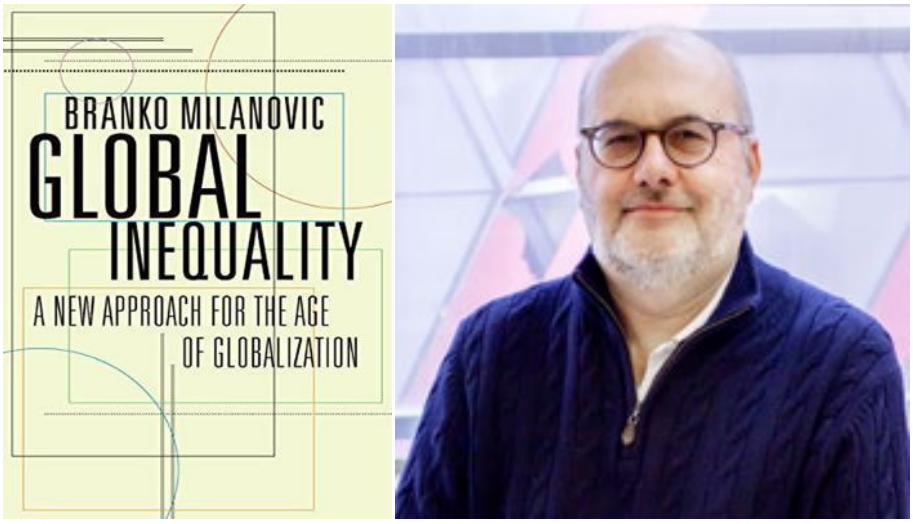


Figura 2. Branko Milanovic

Milanovic fala no livro Global Inequality: A New Approach for the Age of Globalization [Desigualdade Global: Uma Nova Abordagem para a Era da Globalização], analisando os impactos do processo de globalização das últimas três décadas – o aumento, desde os anos 80, dos fluxos do comércio e das finanças, com a liberalização dos movimentos de capital de um país a outro. O projeto do economista dá continuidade à recente reviravolta nos estudos sobre desigualdade provocada pelo trabalho do francês Thomas Piketty – mas também vai além, preenchendo uma lacuna deixada pelo autor do O Capital no Século XXI.

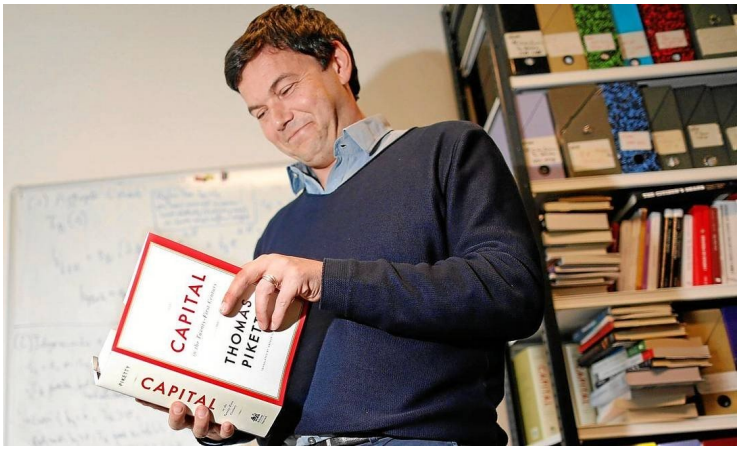


Figura 3. Thomas Piketty

Até Piketty, uma opinião comum entre economistas era a de que não havia grandes motivos para se preocupar com a desigualdade, uma vez que a economia de mercado, deixada à vontade para funcionar, terminaria por mitigar e reduzir as grandes diferenças entre ricos e pobres que a princípio ela mesma teria produzido. Segundo essa narrativa, ao se modernizar, com a diminuição da importância da produção agrícola e aumento da relevância do setor industrial, uma economia tenderia a gerar mais desigualdade – as novas fábricas valorizariam o trabalho especializado, ainda escasso, pagando mais aos profissionais que contratassem, em detrimento daqueles que continuariam a trabalhar no setor "atrasado". Mesmo os operários – além, dos donos da fábrica – ganhariam bem mais do que os agricultores. À medida que a maior parte da mão de obra de um país fizesse a transição para o setor industrial, contudo, essas grandes diferenças criadas inicialmente entre os dois setores diminuiriam bastante.

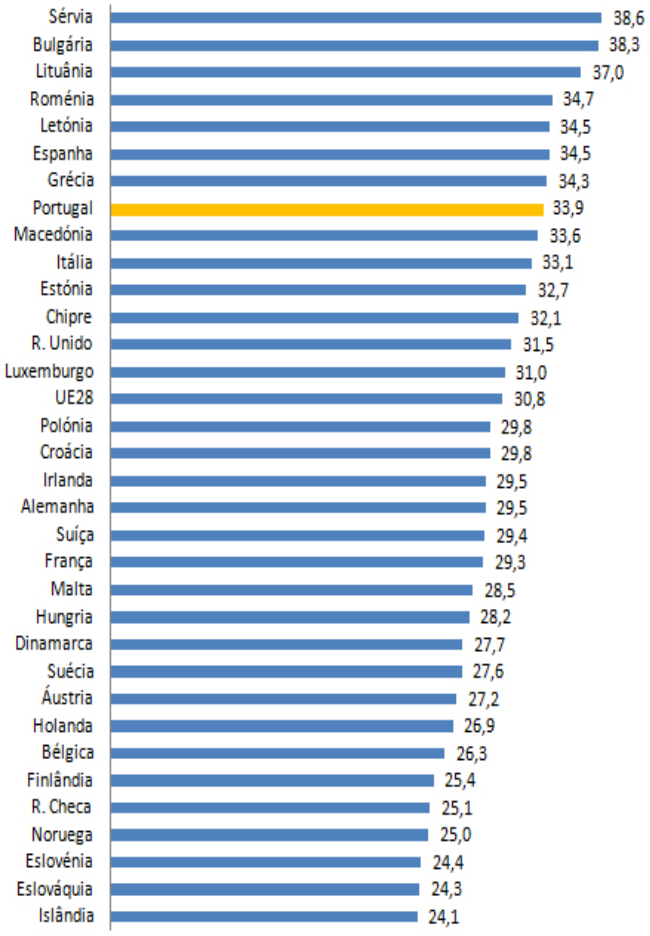
O que o economista francês demonstrou é que isso até podia ser verdade para alguns períodos e lugares específicos, mas que, de maneira geral, as economias de mercado não tendem naturalmente à igualdade. Por uma simples razão: os rendimentos – lucros, juros, dividendos – de quem já tem riqueza, dinheiro acumulado, tendem a serem maiores a cada ano, do que o crescimento da economia como um todo. A conclusão lógica de Piketty foi à de que quem vive de renda termina por ganhar mais do que aqueles que têm que vender seu trabalho em troca de salário – cujos aumentos não podem ser permanentemente maiores do que o crescimento do produto total de um país. Sem algum tipo de interferência governamental e redistribuição de recursos, o mundo é uma máquina de criar desigualdade e, pior, uma desigualdade que tende a aumentar.

Havia estudos capazes de mostrar essa tendência em vários países, analisando as diferenças de renda e riqueza dentro de cada um deles. Mas nenhum mostrava como todos esses países juntos, isto é, o mundo todo considerado como uma única grande economia, se

comportava. Pela simples razão de que não havia dados agregados de desigualdade para todo o globo.

Branko Milanovic ficou famoso, em 1999, ao ser o primeiro a calcular com boa precisão a desigualdade global. Até então, tudo o que havia eram medidas de desigualdade dentro de países e apenas algumas aproximações globais. O que ele descobriu desde então é que o lugar mais desigual do mundo é o mundo. Nenhum país tem níveis de desigualdade tão altos quanto à de toda a economia do planeta, considerada em conjunto. Em 2008 o coeficiente de Gini da distribuição da renda do mundo era de 0,67, numa escala que vai de 0 a 1 e que denota maior desigualdade quanto mais próxima de 1 – na hipotética situação em que um único superbilionário detivesse toda a renda de um país, ou do mundo, e todas as outras pessoas não recebessem dinheiro algum, o índice de Gini seria 1; pois o mundo está mais próximo disso do que da plena igualdade. Nem Brasil, África do Sul ou Colômbia, sempre exemplos de altíssima desigualdade, chegam a tanto.

Figura 2. Coeficiente de Gini, países europeus (2015) (%)



Fonte: Income and living conditions statistics em linha – EU-SILC (Eurostat).

OBSERVATÓRIO DAS DESIGUALDADES

Com a globalização, os destinos dos países estão interligados. Se é que um dia foi possível analisar cada país como uma ilha, definitivamente isso agora não faz mais sentido. Não só o crescimento, como também a desigualdade de um país como o Brasil, por exemplo, depende da desigualdade e do crescimento de regiões inteiras do planeta – por exemplo, do crescimento chinês, que impulsionou a expansão da agricultura brasileira na última década. O que cada pessoa ganha e o que cada grupo social ganha ou perde, dentro de cada país, também depende daquilo que acontece na economia global, para além das fronteiras de cada nação.

Até a Revolução Industrial, no final do século XVIII, as economias cresciam lentamente e o mundo era um lugar razoavelmente homogêneo. Não temos muita informação sobre isso, mas tudo indica que as diferenças entre países ricos, de um lado, e pobres, de outro, cresceram muito e continuamente entre 1820 e 1970. É um período conhecido como a grande divergência, que separou o mundo em países desenvolvidos e subdesenvolvidos. O pico da desigualdade entre países foi alcançado na década de 70, quando tudo indicava que a geografia econômica do mundo estava mais ou menos estabilizada, mas não estava. A Ásia, que vinha crescendo desde pelo menos os anos 60, entrou em acelerada expansão econômica nas décadas seguintes e começou a se aproximar dos países ricos.

1.1 - As Pirâmides da Riqueza e Mapas da Desigualdade

As mudanças nas últimas décadas na desigualdade entre os países acabaram afetando a desigualdade dentro dos países. A Ásia absorveu, nesse período, boa parte da produção industrial do mundo. A América do Norte e a Europa ficaram com o controle dos sistemas financeiros. Países da América Latina, que chegaram a ter mais de um terço de seu Produto Interno Bruto advindo da indústria, regrediram e hoje são fornecedores de matérias-primas e alimentos para o resto do planeta. Com isso, acabou se formando na Ásia uma classe de trabalhadores de baixa renda que antes estavam na pobreza; na América do Norte, na Europa e na Oceania, as classes médias industriais perderam posição, mas emergiram os super-ricos, em particular os grandes executivos e homens de finanças; enquanto isso, a América Latina assistiu a uma transição do trabalho industrial para serviços de baixa produtividade. A África, de modo geral, continuou arcaica e pobre.

No fim das contas, foram as rendas de dois grupos específicos que tiveram um crescimento verdadeiramente acelerado nos últimos vinte anos. O primeiro grupo compreende pessoas de renda relativamente baixa, não muito acima da pobreza, que vivem em países mais pobres. Essas são as pessoas que estão no miolo, na metade da distribuição global da renda – deixando para trás o grupo dos realmente pobres, mas por sua vez também sem conseguir

alcançar os estratos remediados e ricos das grandes economias. Seria um exagero chamar essa fração do meio da distribuição de renda de "classe média global", mas a ideia é que houve um crescimento. O segundo grupo que aumentou sua renda e riqueza nas últimas décadas é o dos ricos dos países ricos, o topo da pirâmide. Comparativamente, ficaram praticamente estagnadas as classes médias, no sentido convencional do termo, na Europa, América do Norte e América Latina, que estão entre os 20% mais ricos da população mundial: seu crescimento não alcançou 1% ao ano.

Os super-ricos pertencentes ao 1% mais rico da economia global acumularam ainda mais riqueza devido às condições favoráveis criadas por um mundo liberalizado. A globalização estende aos ricos a oportunidade de lucrar em mercados do mundo inteiro. Permite que pessoas na Espanha especulem e lucrem com a dívida pública da Argentina. Ou que magnatas russos transfiram sua riqueza para Londres, enriquecendo também, o setor financeiro inglês. A classe média tradicional dos países ricos, por sua vez, perdeu lugar no emprego – com a transferência de fábricas e indústrias menos sofisticadas para as nações mais pobres –, no qual subiu a "nova classe média global", em que se destacam os trabalhadores urbanos e fabris da Ásia, principalmente da China.

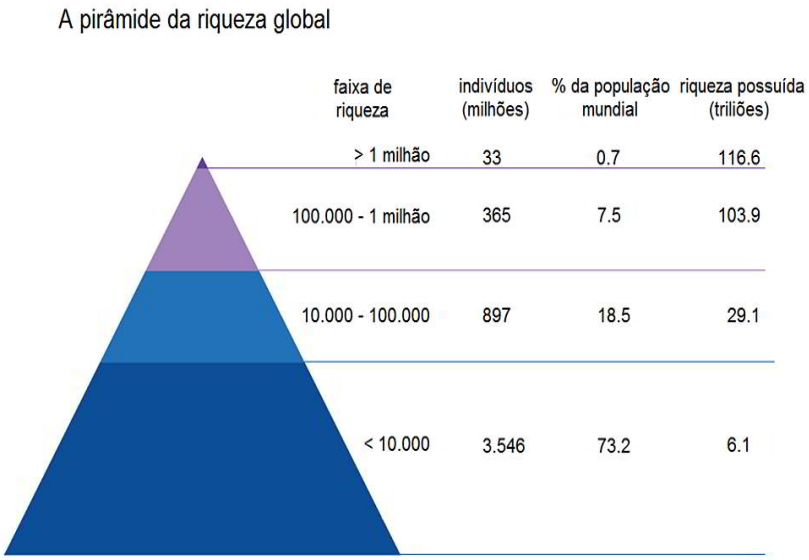


Figura 4. Pirâmide da Riqueza Global

Tudo somado, o crescimento da distribuição de renda parece ter tido um impacto um pouco maior do que aquele dos muito ricos. A partir do final dos anos 80 a desigualdade global começou a cair, ainda que muito lentamente. A depender de como se faça o cálculo, entre 1988 e 2011 o coeficiente de Gini do mundo cai de 0,72 para 0,67 – uma redução muito pequena, de apenas 7% em 23 anos.

Será então a “nova classe média global” a verdadeira vencedora da globalização? Depende muito de como se vê a mudança. O meio do mundo cresceu, e muito. As pessoas na metade da distribuição de renda viram sua renda duplicar entre 1988 e 2011. Entre os chineses, as rendas triplicaram. Olhado por um ângulo otimista foi um salto fenomenal em cerca de duas décadas.

Porém, na análise da desigualdade, muito mais importante do que saber para onde o mundo foi é avaliar para onde ele poderia ter ido. Taxas de crescimento da renda dos mais pobres tendem a traçar uma versão excessivamente triunfalista das mudanças. Além disso, não é a melhor forma de se tratar o assunto, pois por maior que seja o crescimento dos pobres não afeta muito a desigualdade. Funciona como uma alavanca que tenta deslocar um objeto: como muito pouco da renda do mundo está entre os pobres, sua capacidade de mover a desigualdade é pequena. Os mais ricos, por outro lado, têm um peso enorme e qualquer sacudida em sua renda faz a gangorra da desigualdade balançar.

Figura 5. Desigualdade Ricos-Pobres

Mas olhando para quanto cada grupo se apropriou do crescimento total, temos que os 10% mais ricos da população global se apropriaram de 60% de todo o crescimento do mundo entre 1988 e 2008. Uma grande massa de população melhorou de vida, mas o que esse dado demonstra é que poderia ter melhorado muito mais se o resultado do crescimento não terminasse tão concentrado nas mãos dos ricos.

Para tornar o mundo de fato menos desigual, o crescimento tem que ser desconcentrado em escala global. Mas ainda falta bastante para chegar lá. Depois que a última onda de globalização começou, em meados da década de 80, o crescimento foi tão concentrado que, para alcançar o ganho do 1% mais rico, seria necessário somar todo o aumento de renda de mais de dois terços da população mais pobre do planeta.

Não é ainda o caso, portanto, de nos deixarmos impressionar pela emergência de uma "nova classe média" global: mesmo com o crescimento explosivo das últimas décadas, a renda necessária para que um chinês esteja entre os 20% mais ricos do seu país ainda é menor do que aquela necessária para deixar de ser um dos 20% mais pobres dos Estados Unidos. Ou seja, uma parte da "classe média alta" chinesa ainda é praticamente miserável, segundo padrões americanos.

Os grandes vencedores formam uma pequena plutocracia global. Segundo as estimativas de Milanovic, em 2010 o 1% mais rico do planeta controlava 29% da renda e 46% de toda a riqueza mundial. Um milionésimo dessas pessoas, 1 426 bilionários, detinha 2% da riqueza global. Pode não parecer muito, porém é mais do que o dobro de toda a riqueza da África e algo que países inteiros da América Latina não conseguiriam alcançar mesmo que poupassem um ano inteiro de sua produção econômica.

Em um mundo globalizado, os estados nacionais perdem força. Um grupo pequeno de pessoas com muita riqueza tem grande poder de colocar as cartas a seu favor. Em casos extremos, a desigualdade é uma ameaça à democracia.

A democracia é um regime igualitarista, sua ideia fundamental é a de que o poder político deve estar bem distribuído. Cada pessoa tem um voto, e os políticos são apenas representantes do povo. Fora do papel, claro, não é bem assim que funciona. Para começar, campanhas políticas têm se tornado, no mundo todo, operações milionárias. Além disso, depois que os votos são contados, entra em funcionamento uma máquina complexa e cara, que vai do lobby à manutenção do aparelho partidário. E, como se sabe, o dinheiro controla a mídia, e quem controla a mídia controla quais informações chegam aos eleitores. Quando a riqueza é bem distribuída, cada pessoa tem mais ou menos o mesmo poder de influenciar essa estrutura. Quando é muito concentrada, a porta está aberta para a plutocracia. Sem igualdade de poder político.

Como exemplo, o Silvio Berlusconi, um dos homens mais ricos do mundo, foi quatro vezes primeiro-ministro da Itália, em boa parte graças ao fato de praticamente monopolizar os meios de comunicação do país. Donald Trump, ainda mais rico que Berlusconi, é o grande financiador de sua própria campanha à Presidência dos Estados Unidos. Mais rico ainda, Michael Bloomberg financiou não apenas seu pleito à Prefeitura de Nova York, mas também as estruturas eleitorais de vários políticos associados a ele. Dado o custo milionário das campanhas, não surpreende que termine por ser assim: cada vez mais, e também no campo político, "manda quem tem dinheiro".

1.2 - Os Impactos e Combate as Desigualdades

Países que apregoam integração mundial e igualdade de oportunidades como um valor fundamental estão erguendo barricadas para frear a entrada de migrantes. A Hungria tem estendido cercas de arame farpado para impedir a passagem de refugiados do Oriente Médio. Itália e Espanha patrulham obsessivamente o Mediterrâneo para interceptar barcos clandestinos. Os Estados Unidos muraram a sua fronteira com o México. Israel é um condomínio fechado, circundado por palestinos pobres. Memória curta, pois todos esses lugares têm uma história importante de migração.

Figura 7. Cerca de Arame Farpado, na Hungria

Figura 8. Barco com Refugiados, chegando na Itália

Figura 9. Muro entre EUA e México

Outros mecanismos de política global para combater a desigualdade parecem ser tão ou mais difíceis de estabelecer quanto à livre circulação de pessoas – e o caso mais patente é o das sempre renovadas propostas de tributar a movimentação financeira internacional.

Apesar de todos os entraves, não é fácil prever mudanças globais, nem saber para onde vai a distribuição de renda no mundo. Se previsões de comportamento da desigualdade dentro de países já erram com frequência, fica difícil dizer desse mesmo tipo de profecia em escala planetária. Não é possível saber o que se passará com a China e a Índia em duas décadas. O socialismo na União Soviética parecia inabalável em 1980. Quem garante que os Estados Unidos não serão uma potência socialista em 2050? A história dá saltos, sem avisar com antecedência.

Identificar tendências é importante, mas em seu livro, Milanovic reconhece que tendências muitas vezes são insuficientes, pois a história também é feita de eventos inesperados. Feitas as ressalvas de praxe, contudo, ele admite especular sobre as prováveis consequências das inclinações econômicas atuais.

Com a revolução das comunicações, áreas inteiras da economia que antes pareciam protegidas das influências da globalização, como o setor de serviços deve ficar cada vez mais expostas às mudanças fora das fronteiras nacionais. Sistemas inteiros de computadores na Inglaterra, por exemplo, são mantidos por engenheiros indianos. Centrais que distribuem corridas de táxi do Chile enfrentam competição de firmas localizadas nos Estados Unidos. Não se trata apenas de deslocar serviços entre países, mas da possibilidade de concentrar enormemente os ganhos com sua prestação.

Há certos tipos de serviços que podem ser organizados e vendidos em grande escala e, por isso, são mais propensos à concentração. Não há grandes obstáculos reais, por exemplo,

para que assistentes jurídicos em Angola realizem tarefas que hoje são feitas por advogados brasileiros, deixando apenas a parte final da litigância no Brasil. Basta um responsável local para que análises da economia, por exemplo, possam ser feitas em outros países, como na prática já acontece com fundos de investimento. Assim como ocorre com superatletas, a produção tende a se organizar na forma de uma competição concentradora, na qual o vencedor leva quase tudo, criando superarquitetos, superengenheiros, superadvogados etc.

A globalização, diz Milanovic, mudou e continuará mudando o sentido que várias coisas têm hoje. Moedas nacionais já não são independentes. Acordos e tribunais internacionais têm forte influência sobre os sistemas jurídicos locais. Não adianta deslocar indústrias poluentes: as mudanças ambientais e os custos de seu controle são um problema do mundo inteiro. Há em curso uma guerra tributária entre países. Migram empresas, ideias e, apesar de todas as barreiras, pessoas a uma velocidade sem precedentes. É simplesmente impossível a desigualdade mundial não ser afetada por tudo isso. No entanto, nossa forma fundamental de organização política ainda é nacional e, talvez com exceção das organizações de comércio e de defesa, nossas instituições internacionais têm um poder irrisório.

O mundo ficará mais ou menos desigual a depender de como tudo isso evolua. Sobre um dos efeitos de todo esse rebuliço, porém, Milanovic não hesita: os ganhos com a globalização não serão igualmente distribuídos.

Ao comentar Global Inequality: A New Approach for the Age of Globalization, o Prêmio Nobel de Economia, Joseph Stiglitz fez a pergunta central: Quem comandará os rumos do mundo, daqui por diante? O 1% mais rico ou a nova classe média global?

Conhecemos a resposta para a República Romana. Com toda a sua riqueza, Marcus Crassus comprou favores no Senado de Roma, entre eles a aprovação de leis que o tornavam ainda mais rico. Ao influente Júlio Cesar, comandante do Exército na Gália, o magnata concedeu empréstimos – dessa vez em troca de uma aliança político-militar. Deu, com isso, o primeiro passo para a formação do pequeno grupo político que, mais adiante, derrubaria o Senado e inauguraria o Império Romano.

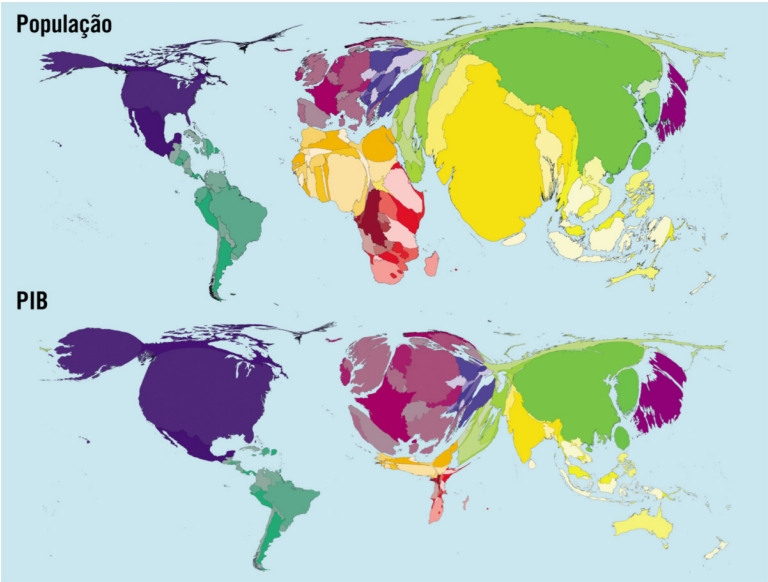


Figura 10. Globalização Financeira

No mundo todo, dois grandes grupos viram suas rendas crescerem nas últimas décadas: uma “nova classe média” global, composta por trabalhadores fabris na Ásia, e os super-ricos, os grandes beneficiários da globalização financeira.

CAPÍTULO II. O CONTEXTO DA DESIGUALDADE

2.0 - Estudos sobre a Pobreza no Mundo

No decorrer do século XX, três concepções de pobreza foram desenvolvidas:

- a de sobrevivência,
- a das necessidades básicas e
- a de privação relativa.

O enfoque da sobrevivência, mais restritivo, foi adotada na Inglaterra e exerceu grande influência na Europa e, teve origem no trabalho de nutricionistas inglesas apontando que a renda dos mais pobres não era suficiente para a manutenção do rendimento físico do indivíduo.

Com estas informações, formulou-se o primeiro modelo de proteção social para o Estado de bem-estar, fundamentando algumas políticas nacionais de assistências e alguns programas. Porém, seus verdadeiros objetivos consistiam em limitar as demandas por reformas sociais e preservar o individualismo, caraterística fundante do ideário liberal.

A grande crítica a este enfoque consistiu no fato de que ele estava atrelado aos baixos índices de assistência, ou seja, bastava manter o indivíduo no nível de sobrevivência.

A partir de 1970, a pobreza tinha a conotação de satisfação das necessidades básicas como água potável, saúde, educação, saneamento básico e cultura, bem como apontando algumas exigências de consumo básico de uma família, representando uma ampliação da concepção de sobrevivência pura e simples.

Vários órgãos internacionais passaram a utilizar esta concepção, especialmente aqueles que integram a Organização das Nações Unidas (ONU). Na década de 1980, a pobreza passou a ser entendida como privação relativa, com enfoque mais abrangente, baseado em estudos internacionais, buscando uma formulação mais científica e enfatizando o aspecto social.

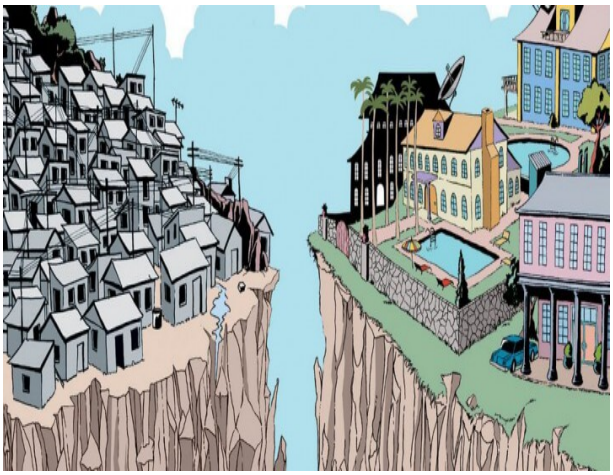


Figura 11. Aspecto Social

Para esta concepção sair da linha da pobreza significava obter: um regime alimentar adequado, certo nível de conforto e o desenvolvimento de papéis e de comportamentos sociais adequados.

O enfoque da privação relativa vem evoluindo e tem como um de seus principais formuladores Amartya Sen, com um conceito que introduz variáveis mais amplas, chamando a atenção de que as pessoas podem sofrer privações nas mais diversas esferas da vida. Para Sen:

"Ser pobre não implica somente provação material. A pobreza pode ser definida como uma privação das capacidades básicas do indivíduo e não apenas como uma renda inferior a um patamar pré estabelecido." (SEN, 1999).

Figura 11. Amartya Sem

A crítica a esta abordagem refere-se especialmente nas dificuldades de sua utilização, dada a necessidade de definir a extensão e a severidade da não participação das pessoas que sofrem a privação de recursos. Para compreender quais são as necessidades e as privações sofridas por determinado grupo dentro de uma necessidade é necessário que tenhamos conhecimento de como ocorre o processo histórico de formação e determinação destas.

2.1 - O Combate a Pobreza no Brasil

Apesar de ser um país com imensos recursos naturais e com o PIB (Produto Interno Bruto) entre os dez maiores do mundo, o Brasil é um país injusto no que diz respeito à

distribuição de renda da sua população, sendo o terceiro pais no ranking da desigualdade no mundo, de acordo com a ONU (2012).

Portanto, pode ser caracterizado como um país rico com pessoas muito pobres, devido ao fenômeno da desigualdade social, que é elevado. Estudiosos dessa temática como, por exemplo: Henrique (1999); Pochmann (2001; 2002; 2010); Telles (2006), Ivo (2008), entre outros, afirmam que o processo histórico da sociedade brasileira sempre foi marcado por crescentes índices de pobreza e desigualdade social.

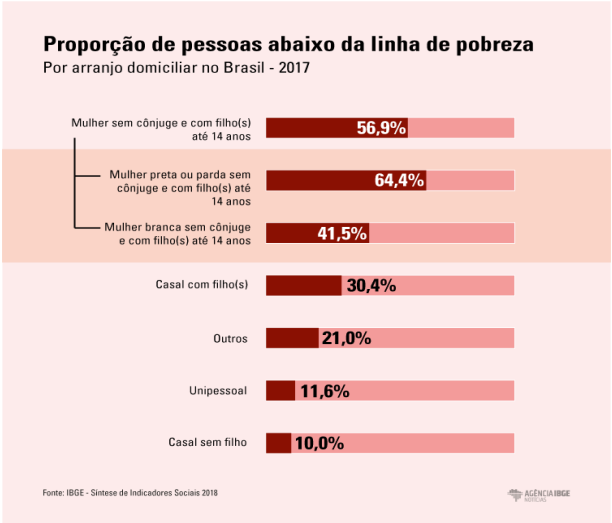


Gráfico 1. Abaixo da Linha da Pobreza
Fonte: IBGE 2018

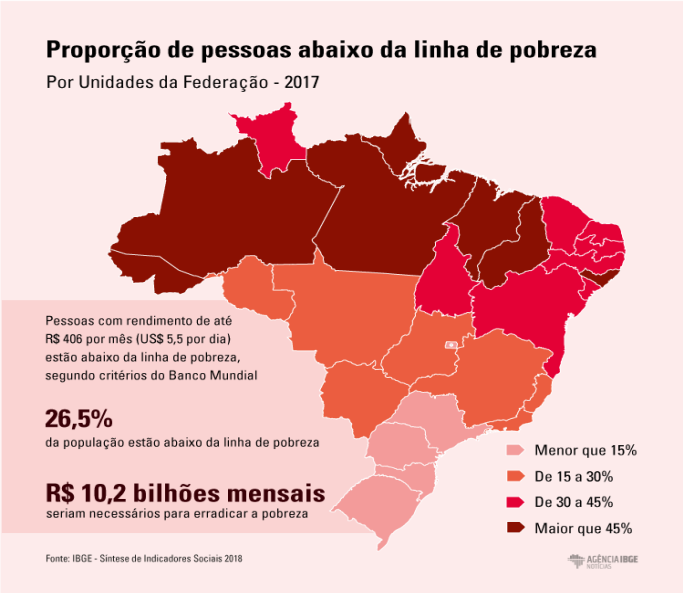


Gráfico 2. Proporção Abaixo da Linha da Pobreza, por Estado
Fonte: IBGE 2018

Em outras palavras, a pobreza é um fenômeno recorrente nas diferentes gerações e que persiste se expandindo até os dias atuais. E quando tratamos de gênero a questão da desigualdade no Brasil amplia-se, visto que as mulheres que são duplamente atingidas em função da escassez de renda e pelo fato de serem mulheres, sendo esta última uma variável importante e independente, criando uma correlação perversa entre a desigualdade social e a desigualdade de gênero da população brasileira. Como exemplos, podemos citar a desigualdade no acesso ao mercado de trabalho, as diferenças salariais entre homens e mulheres, bem como os cargos de chefia, na sua maioria ocupada por homens.

Por isso, relacionar pobreza e a desigualdade no Brasil apenas sob a ótica econômica não supre todas as lacunas. É preciso pensar também, nos processos de formação da sociedade brasileira, de acordo com SOUZA (2010) que são geradores das mazelas e que não se referem apenas a aspectos econômicos, mas sim a outros fatores como cor, raça e gênero. A Desigualdade Social no Brasil é um problema que afeta grande parte da população brasileira, embora nos últimos anos ela tem diminuído.

As regiões mais afetadas pelos problemas sociais são o Norte e o Nordeste do país, os quais apresentam os piores IDH's (Índice de Desenvolvimento Humano) do Brasil.

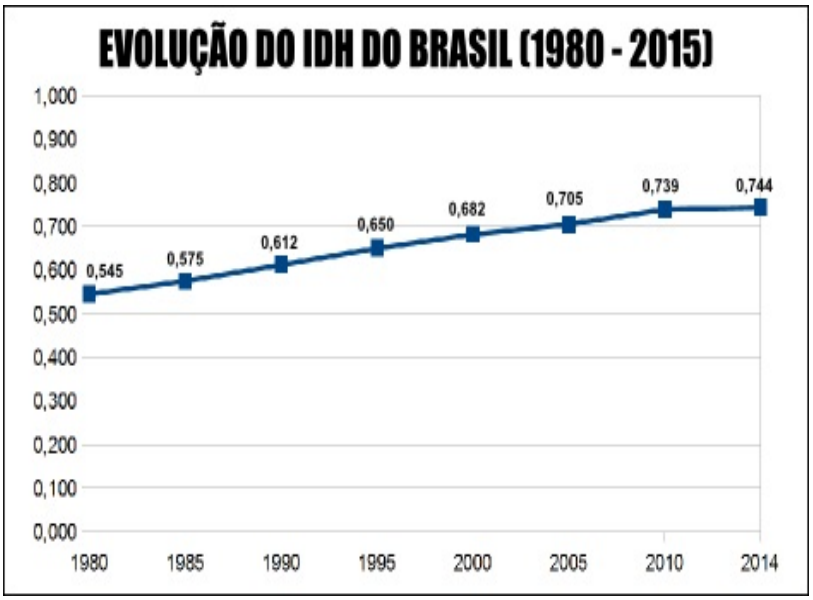


Gráfico 3. Evolução do IDH no Brasil 9 1980-2015)

Fonte: Pnad 2015

Resultados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD-2011) e do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), apontam a diminuição da pobreza e, consequentemente, da desigualdade social.

Assim, nos últimos anos 28 milhões de brasileiros saíram da pobreza absoluta e 36 milhões entraram na classe média.

Entretanto, estima-se que 16 milhões de pessoas ainda permanecem na pobreza extrema.

Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), as transferências do Programa Bolsa Família são responsáveis por 13% da redução da desigualdade no país.

Figura. 12 – Mapa da Violência

Embora o Brasil esteja entre os dez países com o PIB mais alto, é o oitavo país com o maior índice de desigualdade social e econômica do mundo.

Segundo relatório de ONU (2010) as principais causas da desigualdade social são:

- Falta de acesso à educação de qualidade;
- Política fiscal injusta;
- Baixos salários;
- Dificuldade de acesso aos serviços básicos: saúde, transporte público e saneamento básico.

Figura 13. Bairro Periférico no DF

Decorrente, essencialmente, da má distribuição de renda, as consequências da desigualdade social no Brasil são observadas pela:

- favelização;
- pobreza;
- miséria;
- desemprego;
- desnutrição;
- marginalização;
- violência.

Figura 13. Consequência da Desigualde Social no Brail

Estudiosos propõem soluções para o problema, dentre eles: aliar democracia com eficiência econômica e justiça social.

No Brasil, em 2011, o índice de Gini na área social foi de 0,527, demonstrando o menor número desde 1960 (0,535). Na lógica do sistema de Gini, quanto mais próximo de zero, menor é a desigualdade.

No entanto, segundo o coeficente de Gini, a desigualdade social no Brasil teve um aumento considerável em 2017 decorrente da crise econômica.

Ou seja, em 22 anos ela cresceu pela primeira vez, sendo o desemprego um dos maiores responsáveis. Dados atuais afirmam que a taxa de desemprego está em 12,3%, o que afeta 12,6 milhões de pessoas

O Coeficiente de Gini foi desenvolvido pelo demógrafo, estatístico e sociólogo italiano Corrado Gini (1884-1965) no ano de 1912.

O Coeficiente ou Índice de Gini mede as desigualdades de uma sociedade, por exemplo, de renda, de riqueza e de educação.

Criado em 2011, o Plano Brasil Sem Miséria tem como principal objetivo desenhar o mapa da pobreza do Brasil.

Figura 14 – Plano Brasil sem Miséria

Para isso, o plano propõe o rompimento de barreiras sociais, políticas, econômicas e culturais que segregam pessoas e regiões.

Ele objetiva, no campo e na cidade, identificar e inscrever as pessoas de baixa renda que, por algum motivo, não recebem auxílios.

No campo, onde está concentrada a maior parcela, ou seja, 47 % do público do plano, as estratégias para o meio rural, focadas na produção do agricultor são:

- Assistência Técnica;
- Fomento e Sementes;
- Programa Água para todos;
- Acesso aos Mercados (Programa de Aquisição de Alimentos - PAA);
- Compra da Produção.

Já na cidade, o foco está nas oportunidades de trabalho para os mais pobres. Dentre as estratégias propostas pelo Plano estão:

- Mapa de Oportunidades;
- Qualificação de Mão de Obra;
- Intermediação Pública de Mão de Obra;
- Ampliação da Política de Microcrédito;
- Incentivo à Economia Popular e Solidária.

O Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec) é responsável por coordenar a oferta de vagas dos cursos de formação inicial e continuada com ênfase na qualificação profissional. Ele conta com a parceria do Ministério da Educação (MEC) e do Plano Brasil Sem Miséria (BSM).

Figura 15. Pronatec: Formação Inicial e Continuada

Para tanto, a meta do Plano Brasil Sem Miséria prevê a capacitação de um milhão de pessoas inscritas no "Cadastro Único" até 2014.

Outros Programas Públicos Sociais do Brasil que podemos destacar são:

- Bolsa Família
- Previdência Rural
- Brasil Alfabetizado
- Saúde da Família
- Brasil Sorridente
- Mais Educação
- Rede Cegonha

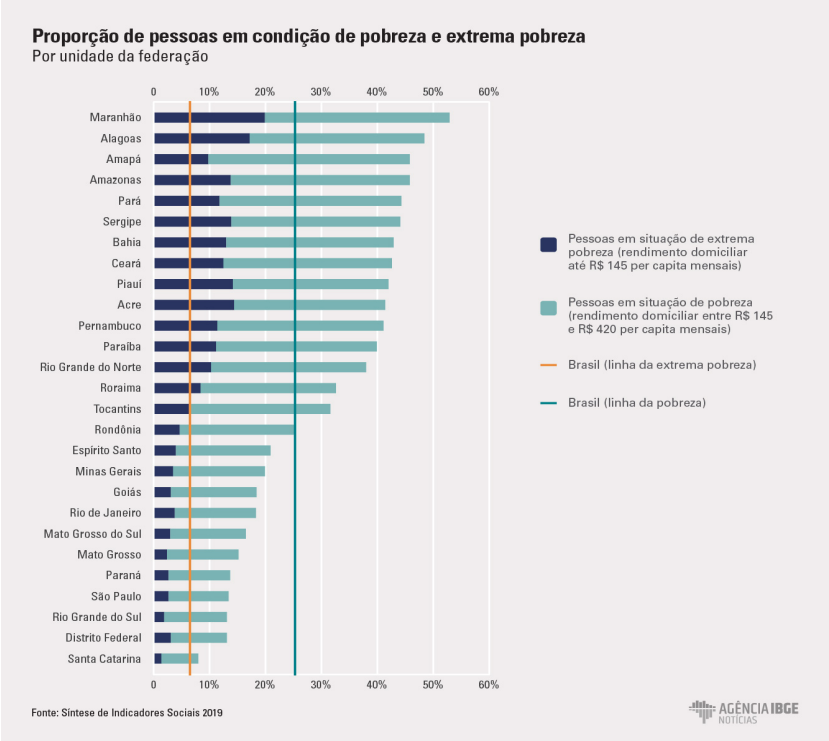
Figura 15. Um dos Programas Sociais no Brasil

2.2 - A Desigualdade atual no Brasil

O rendimento médio mensal real do 1% da fatia mais rica da população brasileira atingiu em 2018 o equivalente a 33,8 vezes o ganho obtido pelos 50% mais pobres do país, segundo dados divulgados pelo IBGE nesta quarta-feira (16/10).

Segundo o instituto, os números mostram que a desigualdade de renda no país alcançou patamar recorde dentro da série histórica da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (PNADC), iniciada em 2012.

O 1% da população mais rica – grupo que reúne apenas 2,1 milhões de cidadãos – teve rendimento médio mensal de 27.744 reais, enquanto os 50% mais pobres – mais de 100 milhões – só ganharam 820 reais por mês.



Os números da pesquisa indicam que os pobres ficaram mais pobres e os ricos, mais ricos. Os 30% mais pobres do país, cerca de 60 milhões, tiveram seu rendimento médio mensal reduzido, em alguns casos em até 3,2%. Os 5% mais pobres – cerca de 10 milhões –, por exemplo, tiveram ganhos mensais de apenas 153 reais em 2018, contra 158 reais em 2017.

Já o 1% mais rico viu seu rendimento aumentar 8,4%, de 25.593 para 27.744 reais, entre 2017 e 2018.

O PNADC informa que o rendimento médio mensal real domiciliar per capita, que foi de 264,9 bilhões reais em 2017, alcançou 277,7 bilhões de reais em 2018. Os 10% da população com os menores rendimentos detinham 0,8% da massa, enquanto os 10% com os maiores rendimentos concentravam 43,1%.

De acordo com o IBGE, com base na série histórica, esse aumento da desigualdade coincidiu com uma diminuição do número de domicílios que contam com bolsa família: se em 2012 eram 15,9% em todo o país, em 2018 a proporção caiu para 13,7%.

O IBGE aponta ainda que o aumento da desigualdade em 2018 tem relação com a crise do mercado de trabalho: em 2018, 35,42 milhões de pessoas estavam no mercado informal, um recorde da série histórica do IBGE. Os novos dados revelam que o índice Gini – que mede a desigualdade numa escala de zero (igualdade) a um (grau máximo de desigualdade) – aumentou em todas as regiões brasileiras, chegando a 0,509, o maior índice desde 2012.

Segundo o IBGE, entre 2012 e 2015 houve uma tendência de redução do índice Gini do rendimento domiciliar per capita (de 0,540 para 0,524), mas ela foi revertida a partir de 2016, quando aumentou para 0,537, chegando a 0,545 em 2018.

A pesquisa enfatiza os contrastes regionais no país: o Sudeste, que concentra 40% da população nacional, apresenta uma massa de rendimentos de 143,7 bilhões de reais, maior do que todas as demais regiões somadas.

As regiões Norte e Nordeste apresentaram os menores valores de rendimento médio mensal real domiciliar per capita: 886 e 815 reais, respectivamente, enquanto o Sudeste registrou 1.639 reais, pouco mais do que o do dobro do Nordeste.

O índice Gini também apontou *contrastearegionaia*. No Norte, chegou a 0,551, seguido pelo Nordeste, 0,545, e Sudeste, 0,533. No Centro-Oeste, o resultado foi de 0,513. O menor valor foi registrado no Sul: 0,473. O estado com maior desigualdade foi o Sergipe, com 0,575. A menor disparidade entre ricos e pobres, 0,417, foi registrada em Santa Catarina.

CAPÍTULO III. AS NOVAS TECNOLOGIAS COMO SOLUÇÃO

3.0 - As Novas Tecnologias

Hoje, muito se discute em como a tecnologia e a automação de processos pode acabar com os empregos e gerar uma disparidade ainda mais alta entre as classes.

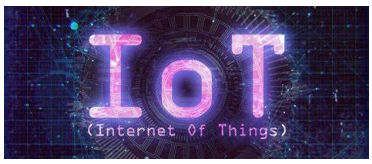
A tecnologia de fato possui um poder de transformação imensurável, porém o fator mais determinante de seu impacto é a forma como ela será aplicada, quais os objetivos e meios.

Por exemplo, enquanto tivermos maior parte de investimento em tecnologia entre grandes corporações capitalistas, dificilmente iremos encontrar casos de aplicação social, porém já existem muitas iniciativas e ações direcionadas para necessidades da sociedade. Hoje é o que chamamos de Tecnologia Social.

Para o Instituto de Tecnologia Social (ITS), Tecnologia Social consiste em "soluções criadas na interação com a população, como resposta aos problemas que ela enfrenta, levando em conta suas tradições, seus arranjos organizacionais, os saberes locais, o potencial natural da região [...], sua realidade histórica, econômica, social e cultural" (ITS, 2011, p.1).

Antes de falarmos em como as tecnologias podem nos ajudar, é necessário entendermos como elas funcionam. Descreveremos abaixo as principais tecnologias da atualidade:

- ✓ Cloud: armazenamento em nuvem. Hoje possibilita guardar dados de forma online, podendo acessá-los de qualquer lugar, sem a necessidade de possuir um *mainframe*, uma vez que hoje muitas empresas vendem espaço em suas próprias nuvens.



- ✓ Internet das Coisas - (IoT): nada mais é que conectar o meio fisíco ao meio digital, transmitindo e reunindo dados. Ela pode ser aplicada através de sensores, por exemplo.

- ✓ Inteligência Artificial – (IA): é a inteligência digital similar a inteligência humana, sendo capaz de processar dados, aprender e tirar conclusões, maximizando suas chances de sucesso.

- ✓ Blockchain: é uma rede de registro distribuida que promove descentralização como medida de segurança, criando comunicação direta e transparência entre as partes.

Nós vivemos cercados pela tecnologia. Mesmo que não percebamos, ela estará presente em praticamente todas as horas do nosso dia. Seja por leitura de códigos de barra e *QrCode*, ou por sensores.

Há várias areas em que a Tecnologia pode ser aplicada e agregar gerando valor direto a sociedade. Os segmentos que atualmente mais tem recebido atenção e ideias são os da saúde, educação e meio ambiente em geral, desde prevenção de desastres naturais até descarte de resíduos.

Além disso a entrada da tecnologia sob o meio financeiro, trazendo o *OpenBaking* pode ser de fato o início da inserção das classes mais baixas dentro de grandes bancos.

3.1 - Tecnologia Social

Traremos abaixo algumas aplicações da Tecnologia por tópico social.

Aplicações:

- ✓ **Integração Social:** A tecnologia possui um poder decisivo na questão da inclusão social, seja através da difusão de informação ou através da criação de ferramentas que possibilitam a integração de diferentes maneiras. A tecnologia caminha em um cenário muito amplo, se conectando a tudo do mundo, então seu público, ou campo de atuação, é muito grande. O ponto da criação de tecnologias direcionadas para pessoas que possuem algum tipo de deficiência evidencia isso. Novos projetos, como por exemplo próteses que ajudam pessoas que não tem movimentos das pernas caminharem, através da conexão entre a tecnologia e o cérebro do paciente. Outro exemplo a ser levado em conta é a ideia de óculos direcionados para indivíduos cegos – a função dos óculos é ler o que está escrito em sua frente, a mensagem direcionada a ele, e passar para a pessoa através de um meio sonoro. Essas iniciativas ajudam as pessoas e as aproximam de novas oportunidades e experiência, no meio profissional por exemplo. Por outro lado, estas questões apresentam grandes

resultados na parte humana, esta aproximação do indivíduo traz um sentimento de independência, muitas vezes muito benéfico – gerando outras sensações como autoconfiança, o que reflete e melhora sua capacidade operacional. Tudo isso pensado através da ideia de inserção social.

✓

> "Empresas do setor de tecnologia da informação possuem a oportunidade singular de desempenhar um papel decisivo para a inclusão de pessoas com algum tipo de deficiência, ao criar soluções que ajudem a estes cidadãos desempenharem seu potencial e contribuir para o avanço da sociedade. As empresas atuantes do segmento devem ter entre seus objetivos a combinação da inovação e do desenvolvimento tecnológico com a criação de ferramentas que possibilitem uma maior integração social."

✓ **Saúde:** podemos facilmente imaginar diagnósticos médicos feitos por inteligências artificiais online. Imagina o quanto isso não pode contribuir para a diminuição de espera em hospitais do SUS. A Inteligência Artificial além de suportar os médicos em seu dia a dia, poderia suprir a necessidade de um recurso, dando diagnósticos para os casos de doenças mais comuns e menos graves, como gripes e viroses em menor grau. Os médicos poderiam focar nos casos mais graves e de maior urgência sem impactar os casos mais ordinários do dia.

Além disso, seria possível viabilizar consultas a distância para regiões que sofram com a falta de infraestrutura. Seriamos capaz de disponibilizar atendimento de ponta para qualquer lugar do mundo, com qualidade e rapidez.

Cada vez mais vemos a tecnologia inserida em nossa relação com a saúde. Hoje em dia é comum as pessoas marcarem consultas através de aplicativos de forma rápida e fácil. Sem contar os aplicativos voltados a promoverem melhores hábitos de vida, como por exemplo os que controlam seus batimentos cardíacos ou te mandam mensagem lembrando que você deve tomar água e fazer exercícios.

- ✓ **Educação:** EDU muito mais barata para muitos estudantes

O reflexo do avanço tecnológico no mundo da educação é muito grande. O jeito que se leciona, e que as escolas se portam diante desta fase que vivemos, está mudando. Foi necessário as escolas e instituições responsáveis pelo crescimento acadêmico das nações se adaptarem a certos cenários do mundo de hoje. Como consequência, novas maneira de estudar estão se popularizando rapidamente. Para os estudantes mais novos, a internet não é só uma fonte de informação, mas sim uma aula.

O "EAD" – Ensino A Distância, pode proporcionar de forma muito mais barata, educação básica para localidades onde a verba do governo não é suficiente para disponibilizar recursos que suportem a necessidade da área. Gerando assim, menos discrepância do ensino fundamental entre as diferentes classes e regiões do país. Ainda com as novas tecnologias, mesmo que a distância, é possível produzir aulas mais interativas e participativas, com simulações e muito mais experiência para o aluno/jovem.

- ✓ **Custo de Vida:** Menor custo de vida

3.2 - A Educação como Solução

O Brasil tem um histórico colonial de muita exploração, que resultou em raízes profundas das quais ainda não conseguimos nos afastar, mesmo com os muitos progressos sociais das últimas décadas. Se antes o problema era a exclusão da maior parte das crianças e jovens do sistema de ensino, hoje estamos quase universalizando o acesso: 94,2% da população entre 4 e 17 anos está matriculada.

Porém isso não basta, é necessário que haja qualidade na educação e a garantia que os alunos estão de fato aprendendo. Os resultados das avaliações nacionais mostram um baixo desempenho, especialmente no fim do Ensino Fundamental e no Médio, mas, ao mesmo tempo, não mostram a qualidade desse aprendizado.

Por conta disso, o Todos Pela Educação criou a Meta 3: Todo aluno com aprendizado adequado ao seu ano. O objetivo é justamente colocar parâmetros na qualidade do ensino oferecido no Brasil. É uma forma de a sociedade defender as crianças e os jovens, pressionando o poder público para que eles tenham a melhor educação pública possível e, consequentemente, boas perspectivas de uma vida confortável no futuro.

Um país do tamanho do Brasil – o quinto maior do mundo – tem as mais diversas condições socioeconômicas que as médias escondem. É preciso olhar além dos números e enxergar as desigualdades de raça/cor, gênero, classe e local de moradia das crianças e dos jovens. Tais condições influenciam diretamente o desempenho escolar.

Entre as principais desigualdades que os dados de 2015 da Meta 3 mostram:

- ✓ No 5º ano do Ensino Fundamental, observando o desempenho em Língua Portuguesa, enquanto 63% dos alunos brancos registraram aprendizado adequado na área, essa taxa foi de 41,5% para os alunos negros;

- ✓ No 5º ano do Ensino Fundamental, em Matemática, enquanto 45,5% das crianças que residem na zona urbana do país apresentam aprendizado adequado, o mesmo índice cai para 23,1% na zona rural;

- ✓ No 3º ano do Ensino Médio, enquanto 7,2% dos meninos concluem a etapa sabendo os conteúdos esperados de Matemática, apenas 5,6% das meninas estão na mesma situação.

Além de muito baixos, os dados ainda guardam discrepâncias diversas, pois eles incluem também a rede privada.

Hoje já há diversas associações e fundos voltados para estas iniciativas de melhorias, onde muitas vezes podemos encontrar tecnologia como um grande agente da transformação.

Um grande exemplo que podemos encontrar é o fundo Bill & Melinda Gates Foundation, que tem como slogan "all lives have equal value"- Todas as vidas têm o mesmo valor e "we are impatient optimists working to reduce inequity" - Nós somos impacientemente otimistas trabalhando para reduzir a desigualdade. Eles fazem vários trabalhos ao redor de todo o mundo em pró de uma sociedade mais saudável e menos desigual.

Alguns de seus projetos são grandes ações em busca da erradicação de doenças, livrarias globais ao redor do mundo auxiliam para planejamento familiar e muito mais.

CONCLUSÃO

Com tudo, podemos ver que a desigualdade é algo que só tende a crescer, não só no Brasil como no mundo.

Mesmo com as pesquisas apontando que classes de menor poder aquisitivo têm aumentado seu padrão de vida, a grande massa do dinheiro permanece em posse da minoria.

Sabemos que por vivermos em uma sociedade globalmente capitalista em sua grande maioria, o fluxo financeiro se torna diretamente proporcional, sendo que os ricos tendem a ficar cada vez mais ricos e a classe pobre a ter cada vez menos condições financeiras.

E para solucionar este problema não existe uma formula mágica, especialistas concluem que mesmo se distribuíssem por igual todo dinheiro do mundo, em pouco tempo já haveria indicadores de desigualdade novamente.

O que de fato traria melhora para essa discrepância, seria tratar o posicionamento individual de cada cidadão em sua estrutura econômica. Mas para isso não podemos criar expectativas de melhoras em poucos anos, a melhor estratégia vem a longo prazo investindo em educação de base e preparando melhor o indivíduo para sua vida adulta. Desta forma começamos a corrigir pela raiz do problema e dessa forma construir sociedades mais igualitárias não só financeiramente, mas sim como um todo.

De outra forma continuaram as manifestações sociais com o aconteceu no Chile e em outros países recentemente e poderá acontecer aqui também como resultado do aumento insignificante do Salário mínimo anunciado.

A Esperança é que o Movimento do Papa Francisco para desenvolver um Novo Modelo Econômico : *A Economia de Francisco,* que ira reunir as grandes lideranças mencionadas logo mais em Assis possa indicar caminhos para um Desenvolvimento mais Humanizado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

[1] BOCK, A. M. Org. A Dimensão Subjetiva da Desigualdade. Cortez, 2012

[2] CAMARGO, J. M. A culpa não é do liberalismo! Instituto Milênio, 2019 https://exame.abril.com.br/blog/instituto-millenium/a-culpa-nao-e-do-liberalismo/

[3] MILANOVIC, B. Global Inequality: A New Approach for the Age of Globalization Harvard University Press, 2018.

[4] Piketty, T. A Economia das Desigualdade, Ed. Actual, 2014

[5] Pochman, M. Estrutura social no Brasil: mudanças recentes, 2014 http://www.scielo.br/pdf/sssoc/n104/04.pdfM.

[6] Sen, A. Desarrollo y libertad, Google Books, 1999.

[7] Stieglitz, J. El Precio de la Desigualdade, Google Books, 2012

WEB

[8] BRASIL247. Bolsonaro define salário mínimo em R$ 1.039, sem aumento real (Dez 2019)

[9] Bill and Melinda Gates Foundation. https://www.gatesfoundation.org/

[10] FGV/IBRE Desigualdade de renda no Brasil atinge o maior patamar já registrado https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/05/21/desigualdade-de-renda-no-brasil-atinge-o-maior-patamar-ja-registrado-diz-fgvibre.ghtml

[11] FORBES. 200 Bilionários brasileiros são destaque da nova edição da FORBES Brasil https://forbes.com.br/colunas/2019/09/bilionarios-brasileiros-sao-destaque-da-nova-edicao-da-forbes-brasil/

[12] GINI https://es.statista.com/estadisticas/635360/coeficiente-de-gini-paises-con-la-mayor-desigualdad-de-la-distribucion-de-la-renta/

[13] _____. https://datos.bancomundial.org/indicador/SI.POV.GINI?view=map

[14] _____. https://www.bbc.com/mundo/noticias-50255301

[15] _____. Concentração de renda aumenta e Índice de Gini é o maior 2019. https://oglobo.globo.com/economia/concentracao-de-renda-aumenta-indice-de-gini-o-maior-desde-2012-mostra-pesquisa-do-ibge-24020415

[16] https://www.brasil247.com/economia/bolsonaro-define-salario-minimo-em-r-1-039-sem-aumento-real

[17] https://valor.globo.com/brasil/noticia/2019/11/06/extrema-pobreza-atinge-recorde-de-135-milhoes-de-pessoas-no-brasil-mostra-ibge.ghtml

[18] Instituto de Tecnologia Social ITS. http://itsbrasil.org.br/

[19] Observatório das Desigualdades. https://www.observatorio-das-desigualdades.com/

[20] Plano Brasil Sem Miséria. http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/brasil_sem_miseria/livro_o_brasil_sem_miseria/livro_obrasilsemmiseria.pdf

[21]Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego- PRONATEC http://portal.mec.gov.br/pronatec

[22] Programa Bolsa Família - PBF

http://www.caixa.gov.br/programas-sociais/bolsa-familia/paginas/default.aspx
[23] Shincariol, J. Extrema pobreza atinge recorde de 13,5 milhões de pessoas no Brasil, mostra IBGE, 2019.
[24] Todos Pela Educação. https://www.todospelaeducacao.org.br/
[25] Programa Aurora - Educação por Valores. https://www.valuesmove.com/ https://www.terra.com.br/noticias/dino/values-move-lanca-programa-de-empoderamento-de-professores-como-os-primeiros-lideres-na-vida social,b75901948d3a4ffab95fa008e5c32639hxzo9i9z.html